

O LUGAR DOS PAIS NA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO

THE PLACE OF PARENTS IN PSYCHOANALYSIS WITH CHILDREN: EXPERIENCE
REPORT FROM AN INTERNSHIP PRACTICE

EL LUGAR DE LOS PADRES EN EL PSICOANÁLISIS CON NIÑOS: RELATO DE
EXPERIENCIA DE UNA PRÁCTICA DE PASANTÍA

Samuel Barros Rodrigues

- Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis.
- E-mail: barrosrodrigues34@outlook.com

Laiza Vitória dos Passos Guerra da Silva

- Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis.
- E-mail: neoazial2241@gmail.com

Nicole de Oliveira Romano

- Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis.
- E-mail: nicole.romano17@gmail.com

Evandro de Quadros Cherer

- Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsí) da Universidade Federal de Mato Grosso. Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis.
- E-mail: evandro.cherer@ufr.edu.br

RESUMO

O lugar dos pais é um fator relevante que se impõe desde o início no atendimento psicanalítico com crianças. Compreende-se que o sintoma atribuído aos filhos pode estar relacionado com questões subjetivas parentais. Desse modo, a criança pode ser a porta-voz de conflitos e sofrimentos dos pais. Considerando esses aspectos, este estudo objetiva apresentar um relato de experiência descritivo-reflexivo sobre atendimentos realizados a pais que procuraram tratamento psicológico para seus filhos. Para tanto, são apresentados três casos que propiciaram a oportunidade de aprendizado concernente à implicação parental em relação ao sintoma. Assim, considera-se que o espaço de escuta para os pais é fundamental para compreender o sentido que a criança representa no discurso parental.

Palavras-chave: : Entrevistas Iniciais; Parentalidade; Psicanálise com crianças.

ABSTRACT

The parental position is a relevant factor that arises from the outset in psychoanalytic practice of children. It is understood that the symptoms attributed to children can be related to subjective parental issues. In this way, the child can be the spokesperson for the conflicts and suffering of their parents. Considering these aspects, the aim of this study is to present a descriptive-reflective experience report on the care given to parents who sought psychological treatment for their children. For this purpose, three cases are presented which provided an opportunity to learn about parental involvement in relation to the symptom. Thus, it is considered that the listening space for parents is fundamental to understanding the meaning that the child represents in the parental discourse.

Keywords: Initial Interviews; Parenting; Psychoanalysis with children.

RESUMEN

El lugar de los padres es un factor relevante que se impone desde el inicio en la clínica psicoanalítica con niños. Se entiende que los síntomas asignados a los niños pueden estar relacionados con cuestiones subjetivas parentales. El niño puede ser portavoz de los conflictos y sufrimientos de los padres. Teniendo en cuenta estos aspectos, el objetivo de este estudio es presentar un relato de experiencia descriptivo-reflexivo sobre la atención prestada a los padres que solicitaron tratamiento psicológico para sus hijos. Para lo tanto, se presentarán tres casos que permitieron conocer la implicación de los padres en su relación con el síntoma. Así, se considera que el espacio de escucha a los padres es fundamental para comprender el significado que el niño representa en el discurso parental.

Palabras clave: Entrevistas Iniciales; Parentalidad; Psicoanálisis con niños.

INTRODUÇÃO

No atendimento psicanalítico com crianças, a presença dos pais é uma característica relevante desta prática clínica. Por motivos legais, deve-se exigir a autorização de um responsável para o atendimento não eventual de uma criança, cabendo também a ele participar de maneira efetiva do processo terapêutico, em virtude da necessidade de levar a criança para as sessões, marcar os horários, pagar os honorários do profissional, entre outros fatores que se fazem presentes ao longo do tratamento (Ruaró; Saraiva; Stürmer, 2009). Além disso, convém considerar que a chegada de uma criança ao atendimento ocorre geralmente através dos incômodos e conflitos que ela suscita em seus pais (Flesler, 2007). De alguma maneira, os pais compreendem que há algo de inadequado com a criança, surgindo a necessidade de procurar ajuda profissional. Ponderando esses aspectos, o lugar dos pais precisa ser considerado teoricamente na prática clínica, fator que se impõe desde o início do atendimento (Faria, 2021).

Ao refletir sobre o lugar dos pais na psicanálise com crianças, Françoise Dolto (1982/2013) considerou que a queixa em relação ao filho pode representar algo de conflituoso da própria subjetividade parental. Nesse sentido, o sintoma vislumbrado na criança pode estar relacionado àqueles que inicialmente se queixam, ou seja, os pais. Portanto, a criança poderia ser compreendida como uma porta-voz de conflitos parentais, sendo a queixa que motivou a busca de tratamento devidamente entendida quando situada na história familiar. Ao encontro disso, compreende-se que, antes mesmo do nascimento, um lugar simbólico já é destinado para a criança pelos seus pais em relação a expectativas e ideais que esses possuem (Mata; Cherer; Chatelard, 2017; Cherer; Ferrari; Piccinini, 2021). Com isso, os pais costumam apresentar anseios e fantasias que podem ou não se concretizar na vida dos filhos. Tudo isso significa que a criança, na perspectiva psicanalítica, está envolvida em um campo discursivo que a antecede, associado sobretudo aos desejos parentais (Lacan, 1956-1957/1995). Desse modo, antes mesmo de a criança vir ao mundo, um discurso sobre ela se formará a partir dos ideais, dos desejos e das expectativas daqueles que a receberão (Bernardino, 2006).

Sob essa perspectiva, compreende-se que o sintoma do qual os pais se queixam sobre a criança pode representar um fracasso da realização de ideais parentais (Fer-

rari & Wiles, 2015). Sendo assim, o sintoma conferido à criança pode dizer a respeito de um conflito que implica a dimensão parental. Esses aspectos são encontrados na clínica usualmente nas diversas queixas relatadas ao longo das primeiras entrevistas com os pais: dificuldades em atribuir limites, insubordinações, agressividade. À primeira vista, essas queixas dizem respeito exclusivamente à criança e nada diriam dos responsáveis por ela. Contudo, uma escuta que não se detém na queixa tal como é recebida, mas a devolve a fim de situar a criança no discurso familiar, acaba por concernir os pais naquilo do qual se queixam. Sendo assim, o problema atribuído inicialmente à criança pode implicar os pais naquilo que diz respeito à maternidade e à paternidade (Dadoorian, 2016). É bastante comum, nesse cenário, que os pais cheguem nas primeiras entrevistas sofrendo por sentimento de culpa e aflições diversas, associados à queixa que os levou ao atendimento. Trata-se, assim, de um conflito parental que deverá receber a atenção do psicanalista nas entrevistas preliminares, momento em que uma demanda de análise poderá ser formulada (Freud, 1912/2010).

Outra autora que contribuiu para essa discussão foi a psicanalista francesa Maud Mannoni (1967/1999). Para ela, na queixa parental, há um discurso sintomático que une pais e filhos. Assim, os conflitos parentais podem se expressar por meio do sintoma localizado na criança. A queixa acerca da criança revelaria o que há de conflitante na história dos pais. Para Mannoni (1979/2004), a questão conflituosa dos pais, traduzida em sintoma na criança, poderá ser compreendida em relação à história subjetiva parental. Por isso, a autora propôs um espaço de escuta de grande importância para os pais, ao considerar que é extremamente relevante compreender o lugar que a criança pode ocupar no discurso parental.

Desse modo, é possível perceber a relevância de uma escuta cuidadosa do que os pais têm a dizer na psicanálise com crianças. Como foi discutido acima, a queixa que motiva o tratamento psicanalítico com crianças pode estar relacionada às questões subjetivas dos pais. Convém, portanto, proporcionar um espaço de escuta para eles, atentando-se ao discurso parental, tendo em vista que a criança pode ocupar o lugar de porta-voz dos sofrimentos ou dos conflitos dos pais. Segundo Mannoni (1979/2004), é função do psicanalista investigar qual o sentido do sintoma que serviu como motivo do atendimento. Sugere-se que tal investigação considere o lugar dos pais em relação ao

sintoma relatado na criança, visto que ideais e expectativas acerca dos filhos são construídos a partir da história subjetiva dos pais. Dessa forma, antes do atendimento com a criança, o psicanalista deve sondar o sentido que ela representa no discurso parental. Isso significa que a escuta da queixa parental deve ocorrer nas entrevistas iniciais, possibilitando situar a criança na dinâmica familiar e contribuir para a implicação dos pais no processo terapêutico (Ferrari; Gurski; Silva, 2017). Tal procedimento, porém, não possui o objetivo de realizar uma orientação ou psicoterapia dos pais, mas de situá-los em relação às questões que lhe são próprias (Prizskulnik, 1995).

Ao considerar que a queixa motivadora do atendimento pode estar relacionada às questões subjetivas dos pais, deve-se ressaltar que, a partir da intervenção junto a eles, é possível promover uma ação terapêutica a respeito do sofrimento e das dificuldades que, por vezes, acompanham o tratamento. Assim, caberá ao psicanalista esclarecer os conflitos parentais no que se refere à queixa sobre a criança, ou colocar a questão conflitiva de outra forma, fazendo com que os pais possam se defrontar com suas próprias dificuldades. Isso irá possibilitar a modificação do sentido que se expressa no sintoma atribuído à criança, compreendendo que esta pode ser a porta-voz de sofrimentos dos pais.

Para além disso, o espaço de escuta para os pais nas primeiras entrevistas contribui para a construção de um vínculo de confiança entre a família e o psicanalista, evitando o surgimento de resistências parentais (Ruaro; Saraiva; Stürmer, 2009). Por outra razão, os sofrimentos que acompanham a queixa sinalizam a importância de um acolhimento atencioso e paciente, para que os pais ou os responsáveis sintam-se à vontade para explicarem abertamente sobre os motivos do tratamento. O espaço de escuta dos pais será um dispositivo fundamental para compreender a dinâmica familiar, o que a criança representa no discurso parental, assim como elaborar as questões parentais envolvidas no sintoma do qual se queixam. Assim, será possível que o psicanalista consiga implicar os pais no que se refere às suas questões subjetivas. Considerando esses aspectos, este estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência descritivo-reflexivo sobre atendimentos realizados a pais que procuraram tratamento psicológico para seus filhos. Para tanto, serão apresentados três casos que propiciaram uma oportunidade de aprendizado concernente à implicação parental em relação ao sintoma atribuído à criança.

MÉTODO

Este estudo trata-se de um relato de experiência descritivo-reflexivo sobre atendimentos realizados a pais que procuraram tratamento psicológico para seus filhos em uma clínica-escola de psicologia de uma universidade pública do interior de Mato Grosso. Ao solicitar o atendimento na referida clínica, os responsáveis devem preencher uma ficha de inscrição com suas informações pessoais, dados referentes à criança e à renda familiar mensal, uma vez que os atendimentos visam priorizar famílias em vulnerabilidade socioeconômica. Completada a ficha de inscrição, o nome da criança é colocado em uma fila de espera até que surja a disponibilidade de atendimento pelo estágio intitulado “Clínica psicanalítica com crianças e seus responsáveis”. A proposta deste estágio é oferecer atendimento clínico individual para crianças de 6 a 12 anos. Para tanto, também é realizado um acompanhamento inicial com os pais, por meio de entrevistas clínicas, no que concerne à queixa inicial relacionada à criança. Os objetivos dessa proposta são o atendimento à comunidade, assim como proporcionar aos discentes, dos últimos quatro semestres do Curso de Psicologia, a prática supervisionada da psicanálise com crianças.

É de prática comum a todos estagiários chamar os responsáveis cadastrados para entrevistas iniciais. Nessas, o motivo da inscrição é posto em causa e convida-se os responsáveis a falarem de sua queixa acerca da criança. Ao longo das entrevistas iniciais, é possível que os pais, ao relatarem a queixa em relação à criança, possam articular isso a sua própria história subjetiva. É a partir disso que se considera a necessidade de acolher ou encaminhar as questões parentais que podem eventualmente surgir nas entrevistas clínicas. Posteriormente, as crianças são atendidas uma vez por semana em uma das duas salas disponíveis para atendimento infantil na clínica-escola. Tais salas são equipadas com jogos, brinquedos, espelhos e materiais artísticos a fim de promover o brincar como método clínico (Freud, 1908/2015; Rodulfo, 1990; Costa, 2010). As questões produzidas nesses atendimentos, por sua vez, são supervisionadas por um professor em encontros semanais.

O lugar dos pais na psicanálise com crianças: relato de experiência de uma prática de estágio

Dentre os diversos atendimentos realizados, foram selecionados três casos que propiciaram uma oportunidade de aprendizado concernente à implicação parental em relação ao sintoma atribuído à criança. Todas as informações que pudessem identificar a criança e sua família foram alteradas. Neste estudo, compreende-se que para a busca do tratamento da criança é necessário que os seus responsáveis sejam afetados em alguma medida pelos sintomas apresentados (Flesler, 2007; Faria, 2021). Dessa forma, as queixas relatadas também concernem aos pais, pois geram preocupação e refletem frustrações em relação às expectativas que eles possuem sobre a criança. Tais expectativas estão intrinsecamente relacionadas à história subjetiva parental, o que significa que a sua construção se faz pelo que é particular dos pais (Flesler, 2007). Em vista disso, certas idealizações acerca da criança e seu lugar na dinâmica familiar permeiam o tratamento desde o começo (Faria, 2021; Lerude, 1993).

Uma das mães que buscou o serviço de psicologia foi aqui nomeada ficticiamente de Helena. Ela procurou o tratamento com a queixa de que seu filho João, de 11 anos, estaria a importunando quando apertava seu corpo de modo considerado inapropriado por ela. Além disso, Helena relatou que seu filho apresentava comportamentos agressivos quando, por exemplo, participava de jogos online. Ao longo das entrevistas iniciais, por meio de suas associações, Helena relacionou o seu namorado às queixas dirigidas a seu filho. Ela acreditava que o companheiro era uma péssima influência para João, na medida em que aquele era agressivo com ela. Desse modo, a mãe fez um paralelo entre os comportamentos de seu filho e seu namorado. Com isso, a queixa inicial de Helena passou a estar relacionada a sua vida conjugal. Assim, a aflição materna não se limitava exclusivamente ao filho, mas também abrangia a inadequação amorosa em que vivia. Particularmente, ela pôde se questionar sobre a influência de seu namorado na criação de João, bem como ela, em certa medida, estava implicada na queixa que a trouxe à clínica. Com isso, esse caso ilustra como o sintoma atribuído à criança pode vir a ser porta-voz de um mal-estar próprio não nomeado e tampouco reconhecido. Assim, o lugar dos pais no tratamento da criança pode ser compreendido a partir de suas possíveis implicações naquilo que é relatado,

visto que se articula a questões de sua própria história (Lacan, 1969/2003; Dolto, 1982/2013; Mannoni 1979/2004; Faria, 2021). Nesse contexto, convém ressaltar que Helena, ao associar o comportamento do filho às violências que o namorado lhe causava, passou a estar preocupada desde um outro lugar no tratamento. Uma problemática que é reconhecida como própria dela passou a estar em questão: o relacionamento conturbado com o namorado se tornou assunto relevante nas entrevistas clínicas.

Ao longo dos atendimentos, Helena retomou a relação feita entre o comportamento de seu filho e de seu namorado. Em determinada ocasião, ela relatou que esse paralelo “por um lado, fazia sentido”. Em virtude disso, Helena foi questionada pelo estagiário que a atendia: “e por outro lado?”, intervenção que se revelou crucial para compreender um pouco mais sobre a participação da mãe naquilo que relatava. O outro lado exposto por Helena dizia respeito de sua vida sexual e amorosa desde sua adolescência, aspecto esse muito recriminado por sua família. Ela demonstrou se sentir culpada no tocante a seus comportamentos passados, afirmando que as inadequações atuais de seu filho seriam um castigo divino dirigido a ela, na medida em que havia feito “muita coisa errada”. Diante disso, é possível compreender como as queixas a respeito do filho se articulavam com a grande culpabilidade materna a propósito de sua vida sexual e amorosa passada e atual. As condutas recriminadas por sua família seriam endossadas pelo castigo divino presente nas dificuldades de sua maternidade. Desse modo, a queixa apresentada por Helena refletia a sua própria história subjetiva, uma vez que os toques inapropriados e a raiva de seu filho significavam o propósito de punição divina em razão do seu passado (Dolto, 1982/2013). Em última análise, seja pela via do namorado ou de sua própria história, o discurso de Helena indicou sua implicação no sintoma do qual se queixava sobre o seu filho.

O segundo caso acompanhado foi o de Fernanda. Ela buscou tratamento psicológico para o seu filho de 11 anos, Alexandre, com a queixa inicial de que ele teria problemas de autoestima. Fernanda contou que Alexandre era muito tímido e tinha dificuldades de socializar, aspectos que a preocupavam profundamente. Diante disso, ela o matriculou em escolas esportivas para favorecer sua socialização e incentivar a formação de novas amizades. Entretanto, Alexandre pediu para ser desmatriculado, pois não conseguia fazer as atividades propostas nas aulas. Com o transcorrer do

atendimento, Fernanda afirmou que a timidez do filho era decorrente de seu divórcio. Ao ser incentivada a falar mais sobre isso, ela declarou que o filho sofreu bastante com a separação conjugal dos pais. Segundo Fernanda, com essa mudança, que ocorreu quando Alexandre tinha 6 anos, o filho se tornara mais tímido e retraído, o que refletia na qualidade de suas interações com a mãe e com as demais pessoas. Para ela, a postura introvertida do filho era experienciada como algo incômodo e que remetia à história conjugal dos pais.

Nesse contexto, a escuta dos pais na clínica se trata de compreender o lugar que a criança ocupa no discurso sobre ela, de situar a queixa relatada na história familiar (Dolto, 1982/2013; Mannoni, 1979/2004; Pesaro, 2015). No caso descrito, observa-se que o relato de Fernanda articula a timidez do filho ao divórcio; mais ainda, ela tenta reverter essa característica, quando, por exemplo, matricula Alexandre em uma escola de esportes. A partir dessa relação, compreende-se que a queixa em questão, endereçada ao filho a princípio, pode dar notícias de um sintoma dos pais, na medida em que “o sintoma destes se apresenta alienado no sintoma da criança” (Pesaro, 2015, p. 48).

Outro elemento que implicava Fernanda na queixa relatada surgiu mediante as intervenções do estagiário que a atendia. Ela contou que também ficou muito abalada com a separação, a ponto de não conseguir conversar com o seu filho. Para além dos efeitos da separação conjugal na criança, seria a própria falha materna na relação com o filho que estaria sendo posta como causa da timidez de Alexandre. Desse modo, o sintoma do qual se queixava de seu filho estaria associado a uma falha em sua maternidade, implicando Fernanda no sintoma atribuído à criança. Ao falar sobre o retraimento de Alexandre, ela também expressava o próprio sofrimento com a separação conjugal e, em última análise, sua implicação na origem da timidez do filho por sua falta de interação com ele. Dessa maneira, este caso ilustra como a busca de atendimento para a criança pode portar um sofrimento parental que a queixa inicial simultaneamente encobre e revela (Mannoni, 1967/1999; Pesaro, 2015; Ferrari; Gurski; Silva, 2017), demonstrando que não há como separar os conflitos dos pais daquilo de que se queixam sobre a criança (Lacan, 1969/2003).

Por fim, o último caso apresentado neste estudo também exemplifica como a queixa vislumbrada na criança pode implicar uma dimensão parental (Dolto,

1982/2013). A mãe, ficticiamente nomeada de Daniela, buscou atendimento com a queixa de que seu filho Pedro, de 8 anos, discutia regularmente com a irmã mais nova. Após as brigas com a irmã, Pedro costumava se deitar no chão e chorar muito. Depois disso, ele começava a pedir perdão para a mãe, dizendo que não sabia por que sempre iniciava as discussões com a irmã. Preocupada com esses episódios, Daniela buscou atendimento psicológico para seu filho. Ao longo das entrevistas iniciais, a mãe relatou temer que Pedro crescesse e se tornasse violento como Antônio, o pai do menino. Nota-se que o temor materno, diante do comportamento de Pedro, também refletia uma problemática para ela, em função do relacionamento conflitante com o pai do seu filho. Nesse sentido, era através da queixa sobre a criança que a mãe colocava em questão um conflito parental (Ferrari; Wiles, 2015; Dadoorian, 2016; Faria, 2021), a saber, a violência do ex-companheiro da qual foi vítima. Essa relação produzida por Daniela demonstrou-se valiosa para o entendimento do caso e, sendo assim, por meio das intervenções do estagiário, foi solicitado que ela discorresse mais sobre esses aspectos.

Segundo o relato materno, o seu relacionamento com Antônio foi marcado por constantes discussões que culminavam em agressões físicas contra ela. Além disso, Daniela contou que um homem agressivo e hostil em todos os seus relacionamentos, inclusive, com o seu próprio irmão. Esse último aspecto foi associado por ela a seu medo de que Pedro “tivesse puxado ao pai”. Nesse cenário, as brigas entre Pedro e sua irmã remetiam Daniela à violência conjugal que havia sofrido. Portanto, a queixa de Daniela a respeito das brigas entre os filhos era permeada pelo temor de que o filho se assemelhasse ao pai no que diz respeito à agressividade e à violência. Desse modo, a queixa inicial dirigida a Pedro adquiriu um novo sentido quando o problema atribuído à criança foi relacionado à própria história subjetiva da mãe (Mannoni, 1979/2004; Prizskulnik, 1995; Flesler, 2007). Esse medo demonstrava que a queixa acerca do filho, isto é, os conflitos com a irmã e os choros constantes, em última análise, ganhavam um sentido próprio para Daniela ao se relacionar com a sua história subjetiva, com a sua vivência conflituosa com Antônio. Com isso, é possível pensar que a queixa inicial materna em relação à criança unia de maneira sintomática o seu relacionamento com o ex-marido e os comportamentos do filho (Mannoni,

1969/1999). Portanto, esse caso ilustra que a queixa parental acerca da criança estava vinculada a uma problemática parental, o que implicava a mãe naquilo que dizia respeito a sua própria subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das reflexões propostas, pode-se concluir que a presença dos pais é um fator importante na clínica psicanalítica com crianças. Inicialmente, deve-se considerar que são os responsáveis que decidem trazer seus filhos para o atendimento. Essa decisão, por vezes, é motivada por sofrimentos e incômodos que a criança suscita em seus pais, despertando neles a necessidade de buscar o tratamento. Esse sofrimento resulta em uma queixa que pode implicar a história subjetiva desses pais. Considerando-se que uma das ocupações do analista é investigar o sentido da queixa que inicia um tratamento, se faz essencial escutar os pais na clínica com crianças. Assim, o espaço de escuta dos pais é fundamental para compreender o sentido que a criança representa no discurso parental.

Nesse sentido, os três casos apresentados neste estudo ilustram a importância de se considerar o lugar dos pais na clínica psicanalítica com crianças. A partir dos relatos dessas mães, pode-se reconhecer como o sofrimento parental permeia a queixa em relação aos seus filhos. No primeiro caso apresentado, Helena concebeu a inadequação do comportamento de seu filho como uma punição divina, implicando seu passado no conflito relatado. Já para Fernanda, a timidez de seu filho se articulou ao divórcio e as suas falhas na relação com o filho. Por sua vez, no caso de Daniela, o temor diante dos comportamentos de seu filho correspondia a uma problemática que para ela remetia ao relacionamento conflituoso com o pai da criança. Por fim, ao contemplar coletivamente os casos apresentados, considera-se que os sintomas endereçados às crianças podem se articular com conflitos relativos aos pais. Por isso, conclui-se que um espaço de escuta aos pais se faz imprescindível para a condução do tratamento psicanalítico com crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In: BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, p. 19-42, 2006.

CHERER, Evandro de Quadros; FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, César Augusto. Os processos identificatórios na constituição da paternidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 35-55, 2021.

DADOORIAN, Diana. O lugar dos pais no tratamento psicanalítico da criança e do adolescente. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 4, n.4, p. 61-72, 2016.

DOLTO, Françoise. (1982). **Seminário de psicanálise com crianças**. Editora: WMF Martins fontes: São Paulo. 2013.

FARIA, Michele. Roman. **Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais**. São Paulo, SP: Toro Editora, 2021.

FERRARI, Andrea Gabriela; WILES, Jamille Mateus. Clínica nos bastidores: o trabalho com os pais na clínica psicanalítica com crianças. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 103-119, 2015.

FERRARI, Andrea Gabriela; GURSKI, Rose; SILVA, Milena da Rosa. A escuta de pais nas entrevistas preliminares com crianças: algumas questões iniciais. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 44-54, abr. 2017.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

FREUD, Sigmund. (1908). O escritor e a fantasia. In: **Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva**, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: **Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia** (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, [1912] 2010.

O LUGAR DOS PAIS NA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO

- LACAN, Jacques. (1956-1957). **O seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques. (1969). Nota sobre a criança. In: J. Lacan. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 360-370, 2003.
- LERUDE-FLECHÉT, Martine. Pela Felicidade das Crianças ou Como a Terapia de Crianças Pode Algumas Vezes Permitir o Crescimento dos Pais. In: BATISTA, A. **Do Pai e Da Mãe**. Bahia: Ágama, 1993.
- MANNONI, Maud. **A criança, sua “doença” e os outros**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, [1967] 1999.
- MANNONI, Maud.. **A primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, [1979] 2004.
- MATA, Greicy Duarte da; CHERER, Evandro de Quadros; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Prematuridade e constituição subjetiva: considerações sobre atendimentos na unidade de terapia intensiva neonatal. **Estilos Clínica**, São Paulo, v.22, n.3, set./dez., 428-441, 2017.
- PESARO, Maria Eugênia. História da psicanálise de crianças: contribuições para a constituição de novos sujeitos. In: KAMERS, M; MARIOTTO, R. M. M; VOLTOLINI, R. (Orgs.). **Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência**. São Paulo: Escuta, 2015.
- PRISZKULNIK, Léia. A criança e a psicanálise: o “lugar” dos pais no atendimento infantil. **Psicologia USP**, São Paulo, v.6, n. 2, p. 95-102, 1995.
- RUARO, Clarice Kern; SARAIVA, Lisiane Alvim; STÜRMER, Anie. O lugar dos pais na psicoterapia de crianças e adolescentes. In: **Crianças e adolescentes em psicoterapia**. Porto Alegre: Arned, 2009.
- RODULFO, Ricardo. **O brincar e o significativo**: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.